

4

Conclusão

O tema da imagem do pensamento em Deleuze deve ser entendido no prosseguimento da concepção crítica filosófica. É através dele que o pensamento de Deleuze procura responder e levar adiante a questão crítica. Mas para isso, impõe-se uma redefinição do problema transcendental. Deleuze vê na filosofia de Kant a origem de uma distorção. Na partilha do transcendental operada por Kant, em especial, frustra-se a possibilidade de uma verdadeira investigação sobre a natureza do pensamento, de uma crítica genética, que dá lugar a uma crítica reduzida, das questões de direito e de legitimidade. Deleuze opera um deslocamento do problema transcendental que, em lugar de se constituir num problema judicial, de legitimação das pretensões da razão, deveria retroceder criticamente ainda mais, até o ponto anterior da própria gênese do pensamento. Em lugar do tribunal de direito, a vida ainda nua do pensamento. Essa operação, a rigor, já é suficiente para reformular todo o problema transcendental. Pois ao retornar genealógicamente a esse ponto zero do pensamento, Deleuze vê-se privado dos elementos que caracterizam a “revolução abstrata” da imagem dogmática do pensamento, ao longo de sua história, mas também a “revolução copernicana” de Kant.

Essa nova imagem do pensamento que ele determina caracteriza-se por lançar, afinal, o pensamento numa necessária atividade de experimentação e de criação.

Temos, então, como que uma progressão: em Kant, era preciso invocar a razão, os poderes da razão para cancelar as próprias prerrogativas da razão; em Nietzsche, invocam-se os valores do pensamento, da vida e da arte para colocar em xeque as reais pretensões da razão, ao tempo em que se criticam seus pressupostos e seus valores; e em Deleuze, de algum modo, se busca insistir nesse empreendimento: quer-se estender a crítica ao ponto extremo de se apontar para fora da filosofia, para se criticar a filosofia a partir de um *Fora*. Ou, melhor dito, de fazer com que a filosofia seja compreendida ainda como um processo de criação, devendo determinar-se a sua criação, especialmente, como *a intercessão da filosofia pelo fora, da composição da filosofia com o não filosófico*. São,

portanto, três projetos que necessariamente se superpõem: uma relação da razão com a própria razão, com vistas a um projeto crítico, projeto autônomo de (auto)legislação; um projeto de ligação entre, pensamento, vida e arte com vistas a um projeto estético e prático de criação (uma nova imagem do pensamento deverá estar sempre ligada à criação de novas possibilidades de vida); um projeto, enfim, que visa determinar a ligação entre o pensamento e o fora, com vistas a uma condição e uma força de experimentação.

Em nosso trabalho buscamos identificar, na leitura deleuziana de Nietzsche e de Proust a construção dessa sua própria imagem transcendental do pensamento, a evolução de sua própria filosofia em torno do conceito de Imagem do pensamento. A análise das obras de Nietzsche e Proust se mostra, então, essencial para esse desenvolvimento e essa evolução do pensamento deleuziano, por inúmeras razões.

Em Nietzsche, verificamos uma crítica afinal levada até o fim do que ela pode. E em Proust, a possibilidade de uma efetiva interseção do pensamento filosófico com as artes, de uma ligação crítica e criativa da filosofia com o não filosófico.

Essas questões, que marcam o tema da Imagem do pensamento, terão uma formulação definitiva mais adiante, com a publicação de *Diferença e Repetição*, e com a determinação, aí, da forma de um empirismo superior, *empirismo transcendental* que define a absoluta novidade dessa revolução deleuziana no pensamento.